

A dura perda de competitividade

O Relatório de Competitividade Mundial 2007, do Instituto Internacional para o Desenvolvimento Gerencial (IMD), divulgado em conjunto com a Fundação Dom Cabral, revelou que o Brasil, depois de cair duas posições no ano passado, agora recuou mais cinco, caindo do 44º para o 49º lugar, entre as 55 economias avaliadas. Para os que valorizam comparações com economias emergentes, vale notar que o Brasil, neste relatório, foi o único dos Bric com desempenho negativo no ranking. Ante ao relatório de 2006, a Rússia e a China avançaram três posições, a Índia ficou no mesmo lugar, 27ª posição.

O professor Carlos Arruda, da Fundação Dom Cabral e responsável pela coleta dos dados brasileiros para o relatório, ponderou que a burocracia, a carga tributária e o quadro fiscal deixaram de ser "fatores facilitadores" do investimento no País, reafirmando que estas deficiências "irradiam efeito negativo" para a constituição do índice. Arruda enfatizou que a ineficiência governamental impacta a eficiência empresarial e que as multinacionais atraídas pelos bons negócios no Brasil não têm do-

minio da complexa legislação e o País "perde espaço" como reflexo dessas dificuldades. É preciso notar que o principal alvo do relatório do IMD é medir a capacidade que o País reúne para manter um ambiente que permita competição e crescimento empresarial.

Exatamente por isto, o rela-

Relatório do IMD culpou o custo de capital e a taxa de câmbio pela perda de posições no ranking, sem esquecer os apagões logísticos

tório responsabilizou custo de capital, juros e câmbio pela perda de posições, sem esquecer de mostrar o peso dos apagões logísticos, incluindo transporte aéreo e as muitas deficiências no sistema de saúde e educação do Brasil.

É essencial, no entanto, observar que neste ano o relatório analisou processos e dinâmicas na busca por competitividade, avaliando, por exemplo, habilidades e possibilidades dos países em alcançar o líder do ranking, os EUA. Um ponto importante na percepção de novas

dinâmicas indicadas pelo relatório é que na última década 40 economias aproximaram-se dos EUA, enquanto outras 15 economias (incluindo Itália, França e Japão), entre elas a do Brasil, estão distanciadas do líder no mesmo período.

A manutenção da liderança norte-americana se deve, como aponta o relatório, à capacidade de gerenciar competências. A análise dos processos de competitividade ao longo de dez anos mostrou que avançaram os países que planejaram o crescimento da capacidade de gerar ambientes favoráveis ao investimento produtivo. A Rússia, por exemplo, não ganhou posições apenas por exportar combustível, mas por gerar uma infra-estrutura de evolução capitalista cada vez mais completa. Não foi diferente com a China, que não cresceu apenas por acelerar a corrente de comércio. No caso do Brasil, como aliás o relatório apontou, só os aumentos de exportações e os ganhos salariais internos não foram suficientes para gerar avanço no ranking. Estes aspectos favoráveis foram anulados pelos problemas acumulados na infra-estrutura e pelo ausência de me-

lhorias no ambiente regulatório.

Os empresários brasileiros conhecem bem esta equação de incógnitas perversas que inibe a competitividade do País. Em fevereiro deste ano, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) mostrou que a produção da indústria intensiva em tecnologia cresceu, mas apresentou um pesado déficit (de US\$ 1,2 bilhão em 2006) pelo incremento de 17,3% na compra de componentes importados.

O segmento de média e alta intensidade tecnológica cresceu no Brasil a partir de importação, não de produção local. O índice do IMD detectou este movimento que exibe por inteiro os problemas de perda de competitividade da estrutura de inovação industrial brasileira.

O relatório 2007 da Organização Mundial de Propriedade Industrial (INPI) mostrou que o número de pedidos de patentes do Brasil em relação a 2006 caiu 5,6%, enquanto a Coréia do Sul avançou 24,6% e a China 56,4%. Até a África do Sul superou o número de pedidos de patentes do Brasil. Neste quadro não é difícil entender por que o Brasil perdeu cinco posições no ranking do IMD.